

Auxílio às jogadoras afegãs parou com guerra na Ucrânia

Khalida Popal, residente na Dinamarca, foi a ativista que encorajou a fuga das mulheres jogadoras há cerca de um ano

◉ Cerco talibã continua no seu país mas fundadora da Girl Power fala de uma comunidade internacional adormecida

por
PEDRO CADIMA

KHALIDA POPAL é um modelo de generosidade e altruísmo. Hoje reside na Dinamarca. Assim acontece desde 2011 quando fugiu do Afeganistão e da capital Cabul para encontrar abrigo onde pudesse desenvolver o sonho de ser futebolista e ajudar o máximo de raparigas das suas origens a serem felizes no desporto, impelidas a lutarem pela sua emancipação na sociedade.

Amorçada pelo regime talibã, mas inspirada pela educação mais vanguardista da mãe, professora de educação física, Khalida levantou a sua voz e marcou a sua ação, ameaçada por ter sido pioneira e ter levado a prática de futebol a espaços públicos da capital afegã, contagiando outras meninas a fazê-lo, procurando encontrar parceiras em colégios. Foi neste contexto que esta mulher de 35 anos ajudou a fundar a primeira seleção feminina do Afeganistão e capitaneou-a nos primeiros jogos, enfrentando a tirania do regime e o descrédito da sociedade, entre afrontas de que uma menina a jogar futebol na rua teria imagem de prostituta. Feridas avulsas sem tratamento adequado, o tempo passou mas as mentalidades no seu país não chegaram a mudar, menos ainda porque em agosto de 2021 os talibãs voltaram a apoderar-se do poder e iniciaram nova barbárie persecutória, atentando contra direitos básicos e anulando todo e qualquer papel mais ativo da mulher fora de casa.

Implicações fortes no desporto que promoveram a fuga desenfreada das jovens jogadoras afegãs por várias partes do mundo. Realmente assustadas. Foram acolhidas e amparadas e foi Khalida a coordenar as várias rotas, na Austrália, dentro da Europa, inclusive em Portugal, procurando encaixá-las na sociedade de acordo com os seus sonhos: serem jogadoras de futebol. Khalida é fundadora de uma associação que abraça os suspiros de tantas mulheres refugiadas, bem como providen-



Khalida Popal (à esq.) não abandona o Afeganistão, mesmo tendo fugido para a Europa

cia o mesmo suporte a quem migra e procura refazer a vida fora da sua geografia, tendo um trabalho amplamente reconhecido, até com vários galardões, pela sua Girl Power, dotando várias raparigas pertencentes a minorias, ampliando atenção à comunidade LGBT, de ferramentas para se sentirem munidas de outra força para terem poder dentro das comunidades locais. Têm sido muitas batalhas ganhas contra o preconceito e contra o estrangulamento dos direitos das mulheres. Nesta

conversa com Khalida quisemos perceber, sobretudo, o desfecho de tamanho processo de evacuação, que lhe roubou horas de sono, investindo toda a abnegação para salvar vidas e oferecer esperança às suas compatriotas, pois, mesmo na Dinamarca, nunca se desligou dos tormentos cívicos e sociais no seu país. A tensão segue evidente no Afeganistão, as mulheres são escrutinadas por cada roupa e cada movimento. «Infelizmente os talibãs baniram as mulheres de todos os desportos.



Khalida Popal criou a primeira seleção feminina ainda no Afeganistão e foi ela que, através da sua fundação, encontrou colocação na Europa para várias jogadoras que fugiram da perseguição



«Esta é a minha maior missão»

Em 2007 forma a primeira seleção feminina no Afeganistão, em 2011 procurava o seu exílio na Europa, em 2014 criava a Girl Power, forma de auxílio e de dar poder à mulher, à jogadora, também refugiada, desabrigada de apoio, deslocada das suas origens. Resumidamente estas são datas marcantes que contextualizam a vida e as facetas de Khalida Popal.

Num trabalho constante de sacudir mentalidades e abrir horizontes a jovens raparigas, debateu-se, mais recentemente, com o contexto mais árduo e espinhoso. Agarrou a missão de puxar as suas entranças para a Europa, perseguidas por um regime sanguinário, vulneráveis mesmo a torturas e assassinatos

«Esta é a minha maior missão! Sinto-me responsável, é uma ajuda necessária. Dedicar o meu tempo às mulheres do meu país mas também o dedico em relação a qualquer mulher do mundo que necessite. Tenho imensas responsabilidades e o trabalho não pode parar, porque todos os dias se vê discriminação, falta de oportunidades. Enfrentei essas realidades quando menina no Afeganistão, isso moldou o meu ativismo e fiz crescer a minha voz para falar das mulheres e do que se passa pelo mundo», explica Khalida, expondo o terror social das suas memórias de Cabul.

«Cresci com os meus irmãos, apoiada, sentia amor da minha família. Mas cresci e

percebi a tristeza ao fazer parte de uma comunidade onde as mulheres não podiam fazer isto ou aquilo, era um embaraço. Cresci a jogar futebol nas ruas mas também a jogar no meio de uma zona de guerra, havia sempre algo a acontecer, que nos afetava. Não entendia porque pagávamos o preço dessas guerras. Na guerra civil os homens combatiam, as escolas ardiavam, não podíamos estudar. Vieram os talibãs e tudo era mais incompreensível com uma estrutura governamental que prende as mulheres. Voltaram e voltaram de novo. No Afeganistão parece que as mulheres não podem ter voz, pergunto se fomos algum mal. Somos nós que estamos sempre a pagar com as nossas vidas e os nossos direitos», acusa.

«Fugi porque entendia as coisas e tinha de falar do abuso de poder, da corrupção, da discriminação das mulheres na sociedade. Fiquei com a minha vida em risco, sofri várias ameaças de morte. Cheguei à Dinamarca, fundei a Girl Power em prol da Educação e do Desporto, numa tentativa de dar poder às mulheres na Europa e Médio Oriente. Temos ajudado várias organizações e procurado ser uma ponte para jogadoras que sejam refugiadas. Expandimos a nossa ação da Dinamarca para outros países e o nosso papel e reconhecido com apoios de toda a parte. Tentamos providenciar conhecimentos e contactos a todas as raparigas que o necessitem.»

D.R.



Seleção afegã procura reerguer-se a partir do Reino Unido, para aonde fugiu a maioria das jogadoras, havendo vários encontros e incentivos promovidos pela ex-jogadora Khalida Popal

Temos ainda jogadoras que lá ficaram em real perigo. Falo do futebol. Há um ano tivemos de as apoiar e as fazer fugir do país, beneficiando de apoios de entidades internacionais. Conseguimos retirar as nossas jogadoras da seleção para a Austrália, as nossas meninas das seleções jovens foram alojadas em Inglaterra, também em Portugal», precisa e argumenta, surpreendendo-nos. Afinal há trabalho social que se trava, que se constrange por força de outras prioridades. «As que ficaram estão aprisionadas nas suas casas, não se conseguem mover, não vão à escola, não podem estudar nem treinar-se. Não podem fazer nada! Havia muito mais trabalho a fazer para retirar outras jogadoras, mas não temos, agora, qualquer país disponível. Depois da guerra desencadeada na Ucrânia, a comunidade internacional deixou de ter olhos para o que se passa no Afeganistão», acusa Khalida Popal, recuando aos dias de sufocante alarme, de pesadelo, e de tantas conversas apressadas e exaustivas nos dias acossos e mordazes. Um esforço extenuante que a deixou prostrada uma noite. Desmaiou no meio do processo.

«Quando o país colapsou nas mãos dos talibãs, senti muita pena das minhas meninas. As fronteiras fecharam. Pensava no que podia fazer, não tendo qualquer poder financeiro ou político para as retirar de lá. Decidi usar o poder da minha voz, dei entrevistas, escrevi o mais que pude, fiz chegar a mensagem. Estou orgulhosa e agradecida porque sei que a minha voz ajudou a salvar imensas vidas. E sigo encorajando muita gente para não subestimarem esse poder. Não podemos achar que não podemos fazer nada só por estarmos longe dos problemas. Cada um pode fazer a diferença, temos várias plataformas onde escrever algo. Temos mentalidades por alterar, podemos sempre abanar com países e comunidades», evidencia Khalida, reavivando a memória em tempo de cerco, sobre apelos mais amargos.

«QUEIEM TUDO! E FUJAM»

«Disse-lhes para queimarem as coisas que as relacionavam com o futebol, que as fizessem desaparecer. As vidas corriam perigo pelo seu ativismo ou, simplesmente, por serem descobertas como jogadoras. Tinha de

avisá-las, porque o mais importante era fazerem todos os esforços para esconderem a identidade. Podiam ser mortas. Foi muito difícil falar-lhes desta forma, depois de passar tantos anos a pedir-lhes tantos sacrifícios, apelos para que não desistissem do que mais gostam. Queimar os equipamentos foi um último pedido pela

segurança de todas», manifesta Khalida, inquieta... com inúmeros casos que não perde de vista.

«Atualmente eles continuam a jogar e sonham representar o país. Quero dar-lhes reconhecimento por continuarem a jogar. Devem continuar a sonhar e devem desenvolver as suas qualidades, protegerem os seus sonhos. Mas ainda tento dar o melhor pelas que ficaram, mas não consigo perceber o que posso fazer, só sei que não posso parar de lutar. Mas deixei de ter apoios», questiona-se a afegã, partilhando uma preocupação específica com as que escaparam para Portugal.

«Na Austrália estão a competir pelos clubes, no Reino Unido também. Em Portugal estão espalhadas por várias partes, mas temos exemplo de várias que não se sentiram bem-vindas, não encontraram clube. Foram arranjando outros trabalhos, pois sentem-se estranguladas, com medo de que os seus sonhos terminem. Tenho contacto a um nível geral, mas não com pequenos clubes. Sei que muitas se sentem isoladas, apesar de ter conhecido o trabalho fantástico de várias pessoas, associações e comunidades», concretiza.

«O que mudou ainda é curto»

→ Afegã não se contenta com visibilidade ganha pelo futebol feminino; pede mais a quem decide

Khalida reconhece um certo entusiasmo pelas conquistas das mulheres no futebol, no reconhecimento da expressão do seu esforço e talento, na consideração do que batalham e na discussão cada vez mais calorosa que justificam quanto a uma equidade de direitos. «Estamos num momento em que conseguimos despertar atenções. Temos de ser vigilantes para que não seja algo temporário. Antes de mais, para quem pergunta se é suficiente, é fácil dizer que não. É preciso mais apoio, proteção, boas condições e, sobretudo, igualdade de oportunidades no acesso aos recursos, sem esquecer um bom tratamento e respeito. Elas já provaram que são boas e precisam de mais. O que mudou ainda é curto», revela a afegã, que através da Girl Power tem providenciado a adoção de equipamentos, hijab incluído, respeitadores de cada cultura, através de uma parceria da associação com a Hummel. «É uma grande colaboração, pretende dar oportunidade a todas para que vivam de acordo com a sua cultura, que possam jogar futebol e dizer aos seus pais que o futebol não é contra a cultura ou religião. Era algo necessário, só posso estar orgulhosa», partilha.

Lesão e superação

O sonho de jogar foi atropelado quando fugiu do Afeganistão e já quando reconstruía a vida na Europa percebeu que uma grave lesão lhe roubara, de vez, a maior fantasia. Lutou muito por superar terrível quebra anímica, comprou coragem e vendeu-a triplicar. «Afetou a minha saúde mental, porque queria continuar a jogar. Foi um momento muito triste contra o qual tive de lutar. Pensei no que podia fazer para me manter ligada ao futebol mas pensava em usar algum poder para mudar algumas coisas. Pelas experiências de vida, por tudo o que tinha passado, por ter sido refugiada, tinha de fazer algo. Estava num novo país e queria ajudar raparigas como eu, puxá-las para a minha organização», lembra. «Foi fazer pontes, agitar consciências, mesmo ao nível da Europa.

Dizia-se muito que estas mulheres refugiadas eram preguiçosas e só pensavam que estavam a chegar a um paraíso, que não queriam fazer nada. Era um discurso muito comum. Quis estabelecer bons exemplos e mostrar que não fugimos daquele que é o nosso país à procura de um paraíso. Saimos porque não podemos continuar lá a viver, não nos deixam ou não conseguimos! O que mais queremos é uma integração que nos faça aprender muita coisa e um dia, se possível, regressar a casa», afirma Khalida, revisitando Cabul e imaginando o futuro. «Tenho esperança que o meu país fique livre dos talibãs e que os homens e mulheres do Afeganistão possam ver defendidos todos os seus direitos básicos. Temos um país que perdeu muito das novas gerações, que perdeu a imprensa livre. Estamos a lutar desde fora pela reconstituição de direitos, vamos continuar nessa batalha pela educação e igualdade. É difícil fazer mais dentro do país, eles estão por todo o lado. Não há comida, não há trabalho, não há economia. É um desastre», desabafa.



talibã e risco de execução, conservando o sonho de fazer carreiras num desporto que amam



Girl Power, sedeada na Dinamarca, tem sido a plataforma desenvolvida pela afegã Khalida Popal para levar auxílio e dar poder a várias mulheres que chegam à Europa distantes de oportunidades